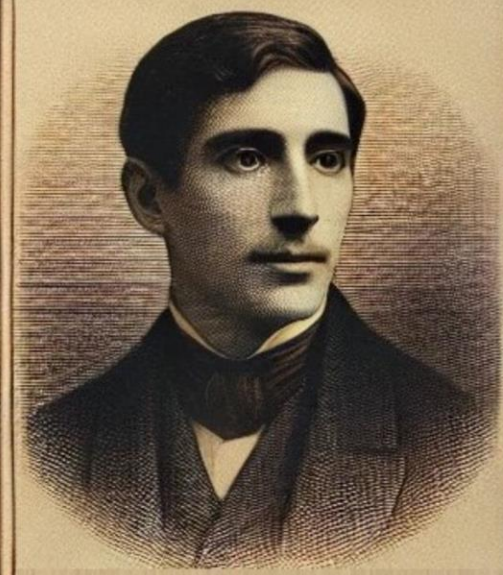
Retratos



JOÃO CALAZANS FILHO

Retratos

João Calazans Filho

2025

Sumário

Retratos....2
Créditos:....4
Prefácio:....5
Coisas da Bahia....7
Verdades e mentiras....12
O Milagreiro de Camacan....18
Crimes e o esquecimento....22
O sedutor misterioso....27
Coisas da política....33
Purgatório terrestre....39
Traços de boemia....49
Os pais precisam voltar para a escola....53
O balcão da discórdia....58
O mito do chocolate....64
A busca....68
Pesadelo Brasil....72
Tudo misturado....77
Transição....81
O homem da bota amarela....84
Caçadores de mentira....87
Os aberteiros....92
Santo de casa não faz milagres....96

Créditos:

Capa – João Calazans Filho

Revisão – Ed Borges

Prefácio – Tonho Matéria

Prefácio:

A genialidade literária do nobre escritor João Calazans Filho revela-se em sua habilidade singular de mesclar estilos ao narrar histórias e casos com uma autenticidade marcante. Como autor, Calazans imprime na alma de cada crônica gestos de humor e tragicomicidade, transformando a experiência da leitura em pura diversão. Seus textos alcançam a graça e o deboche de Ariano Suassuna, a seriedade profunda de Adonias Filho e a malícia encantadora presente nas histórias de Jorge Amado. Mencionar esses três mestres da literatura brasileira não é apenas um tributo justo, mas uma necessidade ao falar sobre a riqueza temática e a qualidade narrativa desta obra.

"Retratos" se apresenta como um verdadeiro raio-X da alma humana. Cada texto é uma radiografia autêntica das vidas vividas no interior do Brasil. Embora saibamos a origem dessas histórias, que ganham vida em uma cidade peculiar e cheia de astúcias, os acontecimentos narrados provocam inevitavelmente comparações com a maneira de viver do povo brasileiro como um todo.

É impossível conter o riso diante das histórias de caçadores — homens valentes e espirituosos que transformam a boemia em um caminho de sobrevivência e prazer. Mais do que isso, essas narrativas refletem a criatividade de um povo que, com sagacidade, enfrenta as adversidades impostas pelas injustiças sociais e econômicas de um país repleto de desafios.

"Retratos" tem o poder de marcar a vida de todos os que dedicarem um tempo para mergulhar nas páginas deste projeto literário — ao mesmo tempo pequeno em sua simplicidade e grandioso em sua profundidade. É uma obra que consolida a posição de João Calazans Filho como uma voz distinta e vigorosa no contexto literário nacional.

Tenho plena certeza de que os amantes da leitura irão se deliciar com o deboche, a malandragem, a jocosidade e a experiência que transbordam de cada linha. A maestria do autor em transformar o ordinário em extraordinário faz desta obra uma rara e preciosa joia literária.

Tonho Matéria
Cantor e compositor

Coisas da Bahia

Nos dias escaldantes de verão, o calor abrasador atingia a todos sem distinção. Mulheres acaloradas reduziam as vestimentas, crianças corriam desnudas pelas ruas, e os homens, consumidos pela sede, abriam as camisas em busca de alívio.

O calor intenso inspirava uma cena típica de boemia no pequeno balcão do boteco-restaurante de Dona Joana. O estabelecimento, tão característico quanto qualquer outro de uma cidadezinha do sertão baiano, era o ponto de encontro de histórias e personagens locais. Dona Joana, morena de ancas largas, olhos melosos e um sorriso astuto — o mais encantador da Bahia — atendia os clientes com a reverência de quem serve imperadores.

O boteco fazia parte de uma paisagem pitoresca: cercado pela exuberância da Mata Atlântica, tinha como vizinhos pastos repletos de bois gordos e imensas fazendas de cacau. Ali, Dona Joana e seu balcão eram tão naturais quanto o cheiro do barro quente e do cacau maduro.

Sentado no passeio alto, sentia-me acima do bem e do mal. Cumprimentei todos com um efusivo "bom dia" enquanto observava quem buscava sombra sob a marquise ou tentava afastar o calor com uma bebida gelada.

— Dona Joana, por favor, uma cerveja bem gelada! — pedi com a boca seca.

Enquanto aguardava, acomodei-me em um tronco esculpido como banco, com o olhar fixo no copo que imaginava cheio da bebida espumante.

— Aqui está sua cerveja, Senhor Antônio. Deseja mais alguma coisa?

— Não, muito obrigado, Dona Joana.

Servi a bebida, e o primeiro gole, longo e desesperado, desceu como um alívio divino. Do outro lado da rua, dois velhos senhores conversavam animadamente. Um deles, mestiço e corpulento, de barba bem-feita e cabelo grisalho, apoiava-se com firmeza em uma bengala. O outro, negro, exibia uma careca avançada e um sorriso largo, apesar da ausência dos dois dentes da frente. Seus olhos brilhavam com uma alegria genuína, como quem se satisfaz plenamente com as simplicidades da vida.

Depois de dois copos, a sede começou a ceder. Soltei um arroto involuntário, arrancando risadas gerais. Comecei, então, a prestar atenção ao burburinho ao meu redor, onde vizinhos de mesa condenavam os comportamentos das jovens que flertavam em troca de atenção e bebida.

— É uma vergonha essas meninas se assanharem assim! — murmurou um homem, provocando outros murmúrios de aprovação.

Do outro lado da rua, garotas jovens e vaidosas esperavam convites para beber. Os homens, com olhares fixos e fascínio evidente, mal conseguiam disfarçar o encantamento.

O cenário se intensificou com a chegada de um homem imponente, vestido com botas longas, chapéu de cowboy e pulseiras douradas que refletiam o sol. Com voz alta e confiante, ele atravessou a rua e perguntou:

— Vocês aceitariam tomar uma cerveja?

Uma moça morena e tímida acenou. Ele ordenou ao garçom:

— Leve duas cervejas para aquelas lindas moças e para a mãe e a avó delas.

A avó, silenciosa e imóvel, aceitou o copo com naturalidade, como quem já viu muito da vida.

Enquanto saboreava minha segunda cerveja, as histórias mudaram de foco para Tonho Godera, pastor famoso por seus truques.

— Aqui, os caloteiros são chamados de "godera". E Tonho é o maior de todos — disse o senhor mestiço, provocando um coro de risos.

Quando Tonho apareceu, com paletó, gravata e Bíblia, cumprimentando efusivamente, todos se calaram.

— O diabo do Tonho Godera não morre mais! — exclamou o senhor negro quando ele desapareceu ao longe.

Logo, os relatos de suas artimanhas se intensificaram, desde calotes até histórias libidinosas.

— Levou até um avestruz junto com os patos doados à igreja! — concluiu o senhor negro, gargalhando antes de se despedir.

Com a terceira cerveja, o calor parecia menos opressor, e a alma, mais leve. Naquele microcosmo de histórias e personagens,